

VOL III

# POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patrícia Vasconcelos Almeida  
(Organizadoras)



EDITORA  
ARTEMIS  
2021

VOL III

# POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patrícia Vasconcelos Almeida  
(Organizadoras)



EDITORA  
ARTEMIS  
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

#### **Editora Chefe**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

#### **Editora Executiva**

M.<sup>a</sup> Viviane Carvalho Mocellin

#### **Direção de Arte**

M.<sup>a</sup> Bruna Bejarano

#### **Diagramação**

Elisângela Abreu

#### **Revisão**

Os autores

#### **Organizadoras**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mauriceia Silva de Paula Vieira

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Patrícia Vasconcelos Almeida

#### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### **Conselho Editorial**

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Alborno, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros



Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás  
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo  
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia  
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras  
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru  
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol III / Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira, Patricia Vasconcelos Almeida. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-26-2

DOI 10.37572/EdArt\_280121262

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de Paula. II. Almeida, Patricia Vasconcelos

CDD 469

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**



## APRESENTAÇÃO

O volume 3 do livro ***“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”*** se organiza a partir do diálogo entre discurso e objetos culturais e possibilita refletir sobre a construção de sentido nos diferentes discursos e saberes que entremeiam a sociedade. A construção de sentido é rio que corre, que flui, que retorce e que encontra pedras e, ainda assim, segue seu curso em busca do mar e do todo que o compõe. De forma análoga ao rio, também o discurso segue seu curso e se constitui a partir de múltiplas vozes, situadas em um contexto político histórico e social. Vozes que se orquestram, que possibilitam o embate e que provocam o debate. Essas vozes dialogam, ainda, acerca da literatura e de outras linguagens, evidenciando um trabalho com a língua(gem) em suas diferentes manifestações. Essas diversas produções artístico-culturais evidenciam a diversidade de saberes, a riqueza de identidades e de culturas e provocam encantamentos. Como bem postula Calvino (1995, p.39), “a literatura como função existencial” pode bem representar “a busca da leveza como reação ao peso do viver”. Assim, em uma dimensão ética e estética da produção, difusão e circulação dos textos e dos discursos na sociedade, o sentido engendra-se como uma co-construção, alicerçada no contexto, nas estruturas linguísticas mobilizadas e na análise das múltiplas vozes, dos valores, das crenças e ideologias que entremeiam os dizeres. Dessa forma, os textos que compõem este terceiro volume convidam o leitor à reflexão e contribuem para uma discussão profícua sobre discursos, literatura, tecnologias e objetos culturais.

Mauriceia Silva de Paula Vieira  
Patricia Vasconcelos Almeida

## SUMÁRIO

### DISCURSOS E OBJETOS CULTURAIS

#### PARTE 1: DISCURSO, DISCURSOS

#### **CAPÍTULO 1.....1**

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DE PASTORES NO PARLAMENTO BRASILEIRO:  
COMO O DISCURSO ALIMENTA O ÓDIO.

[Yuri Barbosa de Morais Pessoa](#)

[Ana Paula Rabelo](#)

[Patrício Carneiro Araújo](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212621**

#### **CAPÍTULO 2.....20**

FUTEBOL E EVANGELIZAÇÃO EM UMA CAMPANHA MISSIONÁRIA: PERCURSOS DE  
MEMÓRIA EM ANÁLISE DO DISCURSO

[Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212622**

#### **CAPÍTULO 3.....32**

ESTRATÉGIAS DE DOMINAÇÃO LINGUÍSTICO-DISCURSIVA: UM ESTUDO DE CASO  
DA PALAVRA *MUDANÇA* EM DOIS DISCURSOS POLÍTICOS DO BRASIL

[Dayse Alfaia](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212623**

#### **CAPÍTULO 4 .....48**

EL PRESIDENTE Y EL MASHI: INTERACCIÓN Y ETHOS EN EL RESUMEN EN KICHWA  
DE LOS ENLACES CIUDADANOS DE RAFAEL CORREA

[María del Pilar Cobo González](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212624**

#### **CAPÍTULO 5.....65**

FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO POLÍTICA: UMA ANÁLISE DE  
COMENTÁRIOS *ONLINE*

[Rainhany Karolina Fialho Souza](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212625**

**CAPÍTULO 6 ..... 81**

DISCURSOS E USOS DO APLICATIVO *WHATSAPP* COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA POR PROFESSORES DE LÍNGUAS DO IFTM

[Mariana Nuccitelli Simões](#)

[Welisson Marques](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212626**

**CAPÍTULO 7 ..... 91**

CRONOTOPO DO ENDEREÇAMENTO E EXCEDENTE DE VISÃO NA ESCRITA DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

[Fabrício José da Silva](#)

[Rosângela Rodrigues Borges](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212627**

**CAPÍTULO 8..... 110**

LA SEMIÓTICA COMO DIMENSIÓN ONTOLÓGICAMENTE CONSTITUTIVA DEL ESPACIO GEOGRÁFICO. APORTES A LA TEORIZACIÓN DEL ESPACIO

[Emilas Darlene Carmen Lebus](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212628**

**CAPÍTULO 9 ..... 124**

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

[Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2801212629**

**CAPÍTULO 10..... 136**

TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCE: NOTAS SOBRE FUTEBOL, HOMOFOBIA E PERTENCIMENTO

[José Aelson da Silva Júnior](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_28012126210**

**PARTE 2: LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS**

**CAPÍTULO 11..... 149**

POEMAS METALINGÜÍSTICOS PARA CRIANÇAS: ESTILOS DE SE CONCEBER E ENSINAR POESIA

[Ana Elvira Luciano Gebara](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_28012126211**

<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>159</b>
A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO POÉTICO DE MANOEL DE BARROS	
Ana Carla de Azevedo Silva Verônica Maria de Araújo Pontes	
DOI 10.37572/EdArt_28012126212	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>173</b>
OS SENTIDOS E O ESTILO DE CACASO EM <i>GRUPO ESCOLAR</i>	
Guaraciaba Micheletti	
DOI 10.37572/EdArt_28012126213	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>190</b>
A MODERNIDADE E A CATÁSTROFE DO URBANO EM <i>LEÃO-DE-CHÁCARA</i> E O <i>GUARDADOR</i> , DE JOÃO ANTÔNIO	
Beatriz Meneses do Nascimento Maria Eneida Matos da Rosa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126214	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>200</b>
AUTOCONSTRUCCIÓN EN <i>DOS VECES JUNIO</i> DE MARTÍN KOHAN: PERSPECTIVA, GÉNERO E IRONÍA	
María Angélica Vega	
DOI 10.37572/EdArt_28012126215	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>208</b>
AS LÍNGUAS COMO PONTES: ABORDAGEM DA INTERCULTURALIDADE E DO PLURILINGUISMO LITERÁRIO EM PLE	
Isabelle Simões Marques	
DOI 10.37572/EdArt_28012126216	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>219</b>
LEITURA COMPARTILHADA: UMA EXPERIÊNCIA COM CRÔNICAS LITERÁRIAS NA SALA DE AULA	
Eliene Cristina de Jesus Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126217	



<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>234</b>
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DESCENDÊNCIA DA MÚSICA ARMORIAL NA CONTEMPORANEIDADE: MUDANÇA E CONTINUIDADE	
Marília Paula dos Santos Carlos Sandroni	
DOI 10.37572/EdArt_28012126218	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>243</b>
ALÍCIA VEGA E O TALLER DE CINEMA PARA CRIANÇA: ESPAÇO DA ALEGRIA, DA EMOÇÃO E DA ARTE.	
Verônica Pacheco O Azeredo Inês Assunção de Castro Teixeira	
DOI 10.37572/EdArt_28012126219	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>253</b>
A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA COMO MEIO DE FORMAÇÃO E DE DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO	
Maria dos Anjos Pereira Rodrigues Lorena Michelle Bonifácio dos Santos Danilo Bizinotto Borges Vinícius Fonseca Maciel Felipe Mendes Marques Mateus Rosa Machado Júnior	
DOI 10.37572/EdArt_28012126220	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>263</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>264</b>

## CAPÍTULO 15

### AUTOCONSTRUCCIÓN EN *DOS VECES JUNIO* DE MARTÍN KOHAN: PERSPECTIVA, GÉNERO E IRONÍA

Data de submissão: 10/10/2020

Data de aceite: 23/11/2020

#### María Angélica Vega

Profesora en la Escuela de Letras de la Facultad de Filosofía y Humanidades de la Universidad Nacional de Córdoba (FFYH.UNC).

Investigadora en el Centro de Investigación de la Facultad de Filosofía y Humanidades. Universidad Nacional de Córdoba (CIFYH.UNC). Córdoba, Argentina.

**RESUMEN:** En este texto, me detengo en tres estrategias discursivas mediante las cuales Martín Kohan se autoconfigura en la novela *Dos veces junio* sobre la dictadura: la perspectiva del héroe, un uso del género novela de educación y la figuración de un yo implícito irónico. Martín Kohan presenta a su yo implícito en disputa con el soldado, en su negación, en lo que desestima, descarta, no sabe, no ve: el yo no solo es diferente, sino, incluso, opuesto al héroe. Así mismo, presenta un modelo de aprendizaje negativo al incorporar regularidades del género novela de educación: entre ellas, ejemplaridad, maestro guía, mundo circundante y sujeto

maleable. Sobre las ficciones de Viñas, Kohan escribió: “Los enemigos son, entre otras cosas, un buen punto de partida para empezar a escribir” (KOHAN, 2004: 525). Martín Kohan leyó en la literatura de David Viñas una estrategia discursiva que le es propia: “Viñas escribe sobre aquello a lo que le tiene rabia, *contra* aquello a lo que le tiene rabia” (KOHAN, 2004: 523 -la cursiva es del texto). En efecto, Kohan recoge la lección que lee como crítico literario en Viñas, pero, agrega una torsión: no solo escribe *contra* sino, también, *desde* aquello a lo que se opone; un contrapunto de su autoficción irónica.

**PALABRAS CLAVES:** Autoconfiguración, Dictadura, Martín Kohan.

#### SELF-CONSTRUCTION IN *DOS VECES JUNIO* DE MARTÍN KOHAN: PERSPECTIVE, GENDER AND IRONY

**ABSTRACT:** In this text, I dwell on three discursive strategies by which Martín Kohan self-configured in the novel *Dos veces junio* on the dictatorship: the perspective of the hero, use of genre novel of education and the figuration of an ironic implicit self. Martín Kohan presents his implicit self in dispute with the soldier, in his denial, in what he dismisses, he discards, he does not know, he does not

see: the I is not only different, but even opposed to the hero. Like wise, it presents a negative learning model by incorporating regularities of the genre novel of education: among them, exemplary, master guide, surrounding world and maleable subject. On the fictions of Viñas, Kohan wrote: “The enemies are, among other things, a good starting point to start writing” (KOHAN, 2004: 525). Martín Kohan read in the literature of David Viñas a discursiv strategy that is his own: “Viñas writes about what he is angry with, against what he is angry” (KOHAN, 2004: 523 – cursive text). Indeed, Kohan picks up the lesson he reads as a literary critic in Viñas, but adds a twist: he not only writes against, but also, from what he opposes; a counter point to his ironic autofiction.

**KEYWORDS:** Self-construction, Dictatorship, Martín Kohan.

## INTRODUCCION

En este texto, me detengo en tres estrategias discursivas mediante las cuales Martín Kohan se autoconfigura en la novela *Dos veces junio* sobre la dictadura: la perspectiva del héroe, un uso del género novela de educación y la figuración de un yo implícito irónico.

Martín Kohan presenta a su yo implícito en disputa con el soldado, en su negación, en lo que desestima, descarta, no sabe, no ve: el yo no solo es diferente, sino, incluso, opuesto al héroe. Así mismo, presenta un modelo de aprendizaje negativo al incorporar regularidades del género novela de educación: entre ellas, ejemplaridad, maestro guía, mundo circundante y sujeto maleable.

Sobre las ficciones de Viñas, Kohan escribió: “Los enemigos son, entre otras cosas, un buen punto de partida para empezar a escribir” (KOHAN, 2004: 525). Martín Kohan leyó en la literatura de David Viñas una estrategia discursiva que le es propia: “Viñas escribe sobre aquello a lo que le tiene rabia, *contra* aquello a lo que le tiene rabia” (KOHAN, 2004: 523 -la cursiva es del texto).

En efecto, Kohan recoge la lección que lee como crítico literario en Viñas, pero, agrega una torsión: no solo escribe contra sino, también, *desde* aquello a lo que se opone; un contrapunto de su autoficción irónica.

## LA PERSPECTIVA DEL HÉROE: NO SIGNIFICA NADA

En el pasaje VII, el conscripto mira “pasar a una chica que lloraba” (KOHAN, 2002: 68). Mirar es lo que hace: “la vi otra vez” (KOHAN, 2002: 68), “la vi tropezar” (KOHAN, 2002: 68-69), “la vi casi rebotar” (KOHAN, 2002: 69), “sin dejar de mirarla” (KOHAN, 2002:69), “No se veía a nadie más” (KOHAN, 2002: 69). Ante el estatismo del sujeto que percibe, lo visto es lo que está en movimiento: el soldado ve aparecer la chica, caerse e

irse, es decir, la ve pasar. Pero, el personaje no se intriga ni pregunta ¿qué pasa?, ¿por qué una chica “corría al límite de sus fuerzas” (KOHAN, 2002: 68) por una calle vacía una noche de junio del año 1978? Ella, simplemente, pasa: por la calle y la significación, es decir, no significa nada. Luego de ver, sucede muy poco: quien mira y repite que mira - “la vi”, “la vi”, “la vi”-, calcula la edad - “como mucho, quince años” (KOHAN, 2002: 69). Pero, en donde el personaje enunciador describe, el yo descifra, repone sentidos, interpreta.

Reitera la estrategia del enunciador ingenuo, desde cuyo foco cuenta, y la ironía del yo que sabe más en el segmento IX. En una ciudad vaciada porque sus habitantes están viendo el partido de fútbol, - “Ahora que las calles estaban vacías” (KOHAN, 2002: 69) - el actor camina en cercanía de un descampado y oye a las ratas mover los pastos: “A la altura de Campos Sales había, y todavía hay, dos descampados (...). Pese a no haber basura, había ratas” (KOHAN, 2002: 69). Al pasar, las escucha y, luego, compara lo oído - sus “chillidos”- con pasos, golpes y llantos. La comparación deja de ser un mero recurso cuando deslinda a las ratas de lo que está en movimiento, finalmente: “Eran muchas las ratas, o era mucho lo que se movían” (KOHAN, 2002: 70). Sin discernir entre lo deslindado, detiene su relato. El concripto es un héroe que si ve, no significa, o entrevé, ve mal, fuera de foco.

Es en la enunciación donde cesa la vacilación del sentido, en el plano del yo implícito y el enunciatario previsto. El héroe ve de modo parcial lo que en los espacios públicos es mostrado así, parcialmente, no de modo cabal: los secuestros, las torturas y las desapariciones realizadas por la dictadura.

En las calles, en la plaza, en el parque, en un descampado, por ahí, su visión no es ni nula ni completa, es acotada, ve y no ve aquello que sucede. Pero lo que el héroe apenas ve en el espacio público, lo sabe en los espacios internos de la institución militar.

Con esta opción discursiva de visión restringida del héroe - quien si bien no lo sabe todo, tampoco nada sabe-, Kohan compone una dictadura que osciló entre un accionar clandestino, no visible para la sociedad civil, por un lado, pero, cuyo modo de control social mediante el terrorismo requirió hacer saber en parte sus prácticas represivas, por otro.

## USO DEL GÉNERO NOVELA DE EDUCACIÓN

### a. El héroe como tipo social y la forma biográfica

Martín Kohan se representa en contra de un héroe que no es legible como un único caso: el héroe es presentado con valor de tipo social, una forma propedéutica negativa en contra de la cual elabora su auto-ficción. Con una designación que omite el nombre, a diferencia de los otros personajes, el agente sugiere el carácter generalizable del héroe. En su lugar, prefiere soslayar sus roles, funciones: hijo, soldado, concripto,

colimba, chofer, estudiante. Kohan elige narrar estadios de la vida de un soldado argentino generalizable con rasgos de la forma biográfica.

Entre los estadios comunes de cualquier vida, Kohan opta por dos de ellos que son instancias de aprendizajes legibles como el pasaje del héroe a la vida adulta:

- a) deja la casa familiar e ingresa en el servicio militar obligatorio en junio del año 1978 y
- b) estudia medicina en junio del año 1982.

Con las fechas es notable como Kohan ingresa el tiempo biográfico de la educación del héroe en uno histórico más amplio: el del auge y declinación de la última dictadura argentina es su tiempo histórico y vital de formación. Sobre este punto, Bajtin indicó: “El tiempo biográfico como tiempo realista no puede dejar de ser incluido (de participar) en un proceso más amplio del tiempo histórico” (BAJTIN, 2011: 205).

### **b. La dupla: el joven y el maestro guía**

Kohan toma la dupla del joven aprendiz y el adulto que lo guía del género novela de educación. En efecto, será el jefe quien lo orientará en sus días de soldado.

En el Servicio Militar Obligatorio, el héroe desea algún puesto cómodo, tranquilo, y esa será su suerte: se desempeña como el chofer personal de un médico, el Doctor Mesiano.

Con esta figura, el agente introduce una estrategia que es al mismo tiempo:

- a) inter-textual: Kohan la recupera de la novela *Villa* (1995) de Luis Gusmán a quien cita en el epígrafe e
- b) inter-discursiva: con ella ingresa el discurso médico en la novela como conjunto de saberes teórico-prácticos sobre el cuerpo humano.

En el presente de la enunciación, el héroe es un aprendiz de médico. Esto indica que se ha producido una transferencia exitosa del modelo profesional: “aunque no tengo todavía una profesión, (voy a tenerla: estudio medicina)” (KOHAN, 2002: 79).

En este sentido, Kohan presenta un proceso educativo feliz, en desarrollo o en vías de resolución conforme a los modelos propuestos, y un sujeto aún en educación aunque ya maleablemente formado: del soldado en la instrucción militar al estudiante de medicina.

Disciplinamiento que supone la conformación de una perspectiva: Kohan presenta a un joven cuyo punto de vista es modelado por los procesos educativos de los que participa sin sufrir alteración.

### c. El modelo: ley de obediencia debida, deberes patrios y deseos

Kohan configura un ejército que se auto-percibe como el custodio de una Patria en peligro ante una amenazante subversión en “tiempos de guerra” (KOHAN, 2002: 35).

Cualquier ambigüedad, duda, conflicto es resuelta apelando a las necesidades de la Patria de quien los militares serían leales defensores. Ella destina la ley y no hay actos ilegítimos cuando son realizados en su nombre. Porque repone el sentido, es su fuente, cuando “la Patria lo requiera” (KOHAN, 2002: 26) es el sintagma que el héroe ofrece al sargento en respuesta a la pregunta con la cual Kohan inicia el texto: “¿a partir de qué edad se puede comenzar a proceder con un niño?” (KOHAN, 2002: 25).

En el ámbito militar, al librarse una guerra, todo vale menos que la patria: la infancia - el sargento Torres alecciona al héroe sobre la inclusión de la niñez en la guerra -, la amistad - conviene matar al amigo si este es malherido en un repliegue estratégico-, la familia - “A los héroes no se los llora” (KOHAN, 2002: 173) dice Mesiano en alusión a su hijo caído en Malvinas-, el cuerpo - “en una guerra los cuerpos ya tampoco son de nadie: son pura entrega, son puro darse a un bandera y una causa” (KOHAN, 2002: 120)- y, en definitiva, la vida - el soldado jura “ dar la vida por la patria” (KOHAN, 2002: 118).

Porque la Patria garantiza los valores en circulación (sede de consenso, acuerdo y no discusión) “dejó conforme al sargento Torres” (KOHAN, 2002: 26) la respuesta del soldado.

Una cúpula da las pautas que los subalternos deben ejecutar sin más. Pero por encima de cualquier orden recibida, reina una consigna general sobre cómo proceder ante una de ellas: “jamás se la desacata, pero tampoco se la piensa, ni se la pone en duda” (KOHAN, 2002: 112). Modo verticalista de actuación castrense conocida como obediencia debida. Dicha regla se funda en un “principio de autoridad” (KOHAN, 2002: 44) conforme al cual un sujeto de un estamento inferior “no tenía ningún derecho a corregir a un superior” (KOHAN, 2002: 15).

En un encuadre de conscripción obligada, ante el principio impuesto, no obstante, el agente narra las adhesiones de los subalternos: los actos forzados son objeto de deseo desde la mirada del héroe cuyos resortes patémicos son el afecto por el jefe - “muy prontamente le había cobrado afecto al doctor” (KOHAN, 2002: 31)- y el orgullo profesional - “Siempre tuve por seguro que a la profesión debía ir unido, una cosa con la otra, el orgullo” (KOHAN, 2002: 79). Kohan configura un héroe que acepta, acata y elige la macro-consigna de no cuestionar, pensar, indagar la orden de un superior - “yo preferí no saber” (KOHAN, 2002: 27).

Porque una guerra se funda en y proyecta como todo un sistema de valores no es nunca solamente guerra. Kohan opta por narrar un ejército instructor en la pericia bélica-

usar el arma, adiestramiento físico, etc.- y, además, con función educativa en valores que legitiman una batalla - el poder político, el control de la tierra, etc.

En los relatos de guerra emergen figuras heroicas por doquier. Tales narraciones, en sus tipos genéricos tradicionales (himnos, cantos, poemas, partes, memorias), incluyen actores que atraviesan pruebas extremas en de la defensa de la axiología del grupo social - como la integridad de la nación.

En esta novela, el héroe novelesco es configurado según los rasgos concurrentes en una figura heroica (MOZEJKO, 1996). Entre tales, mencioné el mandato del superior, la aceptación del mismo por parte de un sujeto que “es, ante todo, sujeto de querer” (MOZEJKO, 1996: 80), las tareas difíciles, la abdicación de lo individual - familia, amigos, cuerpo, vida- y el cuidado de lo socialmente valorado, rasgos reconocidos por el colectivo.

## LA IRONÍA DE UN YO IMPLÍCITO QUE (D)ENUNCIA

Se trata de la elaboración de un modelo propedéutico negativo frente al cual Kohan presenta su simulacro textual, puesto que, es una forma delictiva, incluso criminal, desde el plano del yo crítico. Si secuestros, torturas, etc. son acciones legítimas desde la perspectiva del héroe, nutrida en el servicio militar, tales son condenables para la autoficción que de sí hace el agente.

Kohan configura un yo irónico inferible por una estrategia evaluativa implícita: el simulacro textual desaprueba lo enaltecido por un ejército que es apoyado por los civiles. En oposición a la configuración de una guerra legítima, con héroes abnegados, etc., más bien, presenta un mundo cívico-militar corrupto.

Kohan se auto-presenta como un enunciador irónico respecto de las figuras heroicas que todo lo dan por la patria. Entre ellas, un flanco privilegiado es el sujeto con poder configurado como abnegado. En cambio, presenta a Mesiano priorizando lo propio cuando aduce “Primero está mi hermana” (KOHAN, 2002: 142) en la disputa por la apropiación del bebé. Estrategia discursiva con la cual el agente elabora una autoimagen de sí como quien dice las acciones que quedan por fuera de la sintaxis bélica legitimatoria. Por lo tanto, el yo (d)enuncia un delito, un afuera de la ley, incluso, desde el plano de las reglas militares.

El yo implícito presenta al superior como quien enseña la ley y, al mismo tiempo, domina la facultad de infringirla. Él está “en falta” (KOHAN, 2002: 52) al ser requerido para responder al hermeneutismo (BARTHES, 2013) con el cual Kohan elige abrir el texto, desde la mirada del conscripto maleada en el principio según el cual todo integrante del servicio debe “reportarse sin demoras si se precisaba” (KOHAN, 2002: 47). No obstante,

al ser hallado, pospone su respuesta argumentando “Antes hay que salvar esta noche de mierda” (KOHAN, 2002: 89).

Pero otro flanco de su decir irónico es el modelo del soldado acrítico, ingenuo, que realiza su tareas con voluntad, deseo, quien admira al jefe que lo moldea, educa y forma.

Estrategias con las cuales instala una tensión entre dos legalidades sostenidas por las voces en conflicto, la del soldado y la del yo implícito. Desde su decir implícito novelístico, el agente se configura interviniendo en la disputa por los sentidos histórico-políticos.

En este sentido, en *El país de la guerra* (2014) escribió sobre el relato de Videla:

(...) Al final Videla habló. Mientras se mantuvo callado, y se mantuvo callado por largo tiempo, fue más sencillo disponer la distribución más habitual, más previsible y más cómoda: de este lado, el nuestro, la memoria y el testimonio; del otro lado, el suyo, el olvido y el silencio. Pero ahora Videla habló. Y al hablar tornó evidente lo que, en el fondo, ya sabíamos: que no se libra una lucha de memoria contra olvido, sino una lucha entre diversas memorias en conflicto; que cada una de esas memorias entabla su propia relación dialéctica con el olvido, la nuestra y también la suya, aunque tenemos derecho a suponer que la suya lo hace con mayor intensidad y malicia que la nuestra, y con menos dialéctica que la nuestra también, para chocar luego a su vez con las memorias antagónicas en disputa. Videla habló, Videla se dispuso a entregar, después de tanto mantenerse callado, su propio relato de la historia. Que ese relato consista ante todo en un relato de guerra no es un dato menor (KOHAN, 2014: 253).

## REFERENCIAS

BAJTIN, Mijail. **Estética de la creación verbal**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

BARTHES, Roland. **S/z**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2015.

COSTA, Ricardo y Teresa Mozejko (2002). **Lugares del decir**. Rosario: Homo Sapiens.

DE DIEGO, José Luis. La novela de aprendizaje en Argentina. Primera parte. **Orbis Tertius**. 6. 1-16. 1998. Disponible en: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/2734-5536-1-PB.pdf. Consultado el 10/10/2020.

DE DIEGO, José Luis. “La novela de aprendizaje en Argentina. Segunda parte”. **Orbis Tertius**. 7. 1-12. 2002. Disponible en: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/2711-5506-1-PB.pdf. Consultado el 10/10/2020.

FILINICH, María Isabel. **La enunciación**. Buenos Aires: Eudeba, 1998.

HUTCHEON, Linda. “Ironía, Sátira, Parodia. Una aproximación pragmática a la Ironía”. **Poetique**. 45. Ed. Du Seuil. París. Traducción de Pilar Hernández Cobos, 1981.

KOHAN, Martín. **Dos veces Junio**. Buenos Aires: Contemporánea, 2002.

KOHAN, Martín. “La novela como intervención crítica: David Viñas”. En: Saítta, Silvia (Dir. de vol.). **Historia crítica de la literatura argentina**. Buenos Aires: Emecé, 523-541, 2004.



KOHAN, Martín. **El país de la guerra**. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2014.

MOZEJKO, Teresa. "La construcción de los héroes nacionales". **Estudios**. 6. 79-82. Centro de Estudios Avanzados de la Universidad Nacional de Córdoba, 1996.

## SOBRE AS ORGANIZADORAS

**Mauriceia Silva de Paula Vieira** - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

**Patricia Vasconcelos Almeida** - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

## Índice Remissivo

### A

Acción semio-técnica 115, 117, 118, 119, 121

Alícia Vega 243, 244, 245, 246, 247, 252

Alteridade 91, 93, 98, 99, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 210, 211, 212, 214, 224, 250

Análise de Discurso Crítica 1, 2, 7, 19

Análise do Discurso 8, 20, 22, 32, 33, 34, 38, 39, 43, 47, 65, 81, 83, 84, 86, 90, 125, 126, 128, 135, 173, 174

Argumentação 14, 16, 17, 32, 34, 35, 41, 46, 47, 101, 125, 127, 136

Autoconfiguración 200

### C

Cacaso 173, 174, 175, 176, 182, 185, 189

Cinema 102, 104, 184, 185, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262

Cinema e Educação 243

Coluna de opinião 124

Competência discursiva 20, 23, 25, 26, 28, 30, 126

Crônica literária 219, 222, 229, 233

### D

Dialogismo 22, 46, 91, 93, 94

Dictadura 200, 201, 202, 203

Discurso 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 53, 57, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 117, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139, 140, 142, 146, 158, 164, 175, 176, 177, 183, 189, 203, 211, 214, 216, 227, 237, 246

Discurso constituinte 20, 21, 26, 31

Discurso político 7, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 41, 44, 47, 65, 66, 69, 80, 90

Discurso religioso 20, 26, 31

## E

Educação estética cinematográfica 243

Espaço Escolar 159, 260

Estilística 149, 156, 158, 173, 174, 175, 176, 189

Ethos 32, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 59, 60, 61, 62, 64, 113, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

## F

Facebook 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 75, 79, 80, 146

Futebol 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

## G

Gênero 4, 5, 10, 22, 37, 47, 70, 75, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 107, 108, 133, 136, 139, 142, 144, 148, 150, 156, 163, 171, 176, 177, 180, 200, 201, 202, 203, 212, 215, 226, 227, 241

Grupo Escolar 173, 174, 177, 180, 181, 184, 185, 187, 188

## H

História das Mulheres Latinoamericanas 243

## I

Identidades 5, 8, 12, 13, 19, 33, 38, 41, 42, 65, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 85, 86, 90, 129, 138, 143, 144, 146, 152, 162, 165, 182, 190, 191, 197, 198, 211, 213, 214, 234, 236, 238, 239, 242, 262

Identidade Sonora 234

Interculturalidad 48, 49, 50, 53, 54, 55

Interculturalidade 49, 208, 209, 217, 242

Intolerância Religiosa 2, 5, 6, 18

## J

João Antônio 190, 191, 192

## K

Kichwa 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

## L

Leitura compartilhada 219, 220, 230

Linguagem 19, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 43, 44, 46, 65, 73, 79, 85, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 135, 151, 155, 163, 164, 170, 178, 184, 212, 221, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 232, 248, 249, 253, 255, 256, 257, 258, 260, 261

Literatura 83, 97, 98, 108, 151, 158, 161, 171, 179, 190, 191, 200, 201, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 222, 224, 228, 230, 231, 232, 233, 242, 245

## M

Manoel de Barros 159, 160, 161, 165, 166, 170, 171, 172

Martín Kohan 200, 201, 202

Modernidade 90, 139, 148, 190, 191, 192, 196, 197, 198, 239, 242, 262

Modos de operação ideológica 1, 2, 5, 8, 9, 18

Mudança 16, 19, 32, 40, 41, 43, 45, 46, 85, 86, 97, 133, 139, 164, 191, 192, 195, 196, 229, 234, 235, 239, 257

Música armorial 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Música em Pernambuco 234

## P

Plurilinguismo 208, 213, 214, 218

Poema e poesia 149, 156

Poema metalinguístico 149

Prácticas agrarias 111, 115

Protagonismo leitor 219

## R

Redação do Enem 91, 92, 93, 101, 102, 107, 108

## S

Semiótica del espacio 110, 111, 112, 116, 121, 122, 123

Sociedade 6, 11, 12, 15, 19, 21, 24, 40, 41, 47, 69, 70, 85, 86, 102, 103, 104, 105, 129, 137, 138, 142, 143, 147, 148, 159, 162, 192, 193, 210, 211, 212, 216, 217, 228, 239, 246, 247, 253, 254, 255, 257, 258, 261

## T

Texto literário 159, 160, 161, 162, 163, 164, 171, 208, 211, 212, 219, 222, 223, 224, 231, 232

Torcida 28, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 148

## U

Urbano 12, 190, 191, 192, 193, 196, 198

Uso de tecnologia 81, 83, 89, 90

## W

WhatsApp 81, 82, 83, 87, 88, 89



**EDITORA  
ARTEMIS**